

## “GRANDE EU NÃO IRIA SER”: A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DA EDITORA MARIA MAZARELLO (MAZZA EDIÇÕES)

---

*“Great I Would Not Be”: An Autobiographic Narrative by Publisher  
Maria mazarello (mazza edições)*

DOI: 10.14393/LL63-v36nEsp-2020-7

Letícia Santana Gomes\*

Giani David Silva\*\*

---

**RESUMO:** Buscamos, neste artigo, apresentar a narrativa autobiográfica da editora de livros Maria Mazarello, da Mazza Edições, que foi a primeira editora de registro no Brasil com publicações voltadas à literatura afro-brasileira. Por ser mulher, negra e pobre, enfrentou diversas barreiras para seguir sua caminhada, entre elas, o racismo. Assim, pretendemos identificar e fazer emergir a partir de seu discurso marcas de significação com discursos ora evidenciados, ora silenciados de preconceito racial. Para isso, ressaltamos as contribuições de Eni Orlandi (2007), em *As formas do silêncio*, que contribuiu para pensar e identificar o silêncio como potência, e não apenas como mero complemento da linguagem. Devemos ressaltar que o silêncio não deve ser entendido como o vazio, pois o silêncio é necessário, sobretudo quando abordamos autobiografias. Como ilustra Orlandi (2017), o silêncio seria o que não é preciso ser dito. Assim, iniciaremos nossos questionamentos pensando: o que é o silêncio? Como ele se exprime? Percebemos que ele não é transparente, tem sua espessura e instaura processos significativos complexos. (ORLANDI, 2007), pois ele tem condição de significar. Dessa forma, quando Mazza nos diz: “a gente não teria o amanhã” e se cala, há uma potência de significação que se instaura. De outro lado, percebemos em seu discurso um evidenciamento, como “a gente não quer ser negro quando menino”. É por esses ditos e silêncios que há um campo de pesquisa ainda incipiente e propício a investigações que a Análise do Discurso e demais áreas se abrem. É por isso também que iremos trazer algumas reflexões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mazza. Silenciamento. Racismo. Discurso. Autobiografia.

**ABSTRACT:** We seek, in this article, to present an autobiographical narrative by book publisher Maria Mazarello, from Mazza Edições, who was the first registered publisher in Brazil with publications focused on Afro-Brazilian literature. As a black, poor woman, she faced several barriers to follow her path, including racism. We intend to identify in her discourse and let emerge signification marks that are sometimes stressed, sometimes silenced by racial prejudice. To this end, we highlight the contributions of Eni Orlandi (2007), in the book *As formas do silêncio*, which contributed to thinking and identifying silence as power, rather than a mere complement of language. We emphasize that silence should not be understood as emptiness, because silence is necessary, especially when we approach autobiographies. As Orlandi (2017) illustrates, silence would be what need not be said. Thus, we start out by asking: what is silence? How does it express itself? We realize that it is not transparent, it has its thickness and establishes significant complex processes (ORLANDI, 2007), as it is able to signify. When Mazza says, “We would not have tomorrow” and falls silent, a meaning power is established. On the other hand, we perceive evidencing in her speech, such as “We do not want to be black as kids”. It is through these sayings and silences that there is a field of research that is still incipient and conducive to investigations opened up by Discourse Analysis and other areas. That is also why we propose some reflections.

**KEYWORDS:** Mazza. Silence. Racism. Speech. Autobiography.

---

---

\* Doutoranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). ORCID: 0000-0002-4261-8891. E-mail: leticiasantanag(AT)gmail.com.

\*\* Professora efetiva no CEFET-MG. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: 0000-0002-1461-5837. E-mail: gianids(AT)gmail.com.

## 1 Introdução

Há quase 40 anos, Maria Mazarello Rodrigues, mais conhecida como Mazza, fundava em Belo Horizonte, MG, a primeira editora de registro com publicações afro-brasileiras. Diante de um percurso marcado por diversos contrastes sociais, por ser mulher, negra e pobre, a editora evidencia em seu discurso marcas de preconceito e, por vezes, silencia seu discurso ao fazer uma autorreflexão e perceber as marcações veladas de discriminação.

Por isso, neste artigo, começaremos nosso percurso tentando esboçar um traçado sobre o silêncio no discurso, a partir de conceitos advindos da pesquisadora Eni Orlandi, que apresenta em seu livro *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, questões pertinentes que serão levantadas a partir do depoimento de Maria Mazarello. Iremos nos ancorar, também, nas contribuições de Pêcheux sobre memória (1999).

Ao abordamos o silenciamento no discurso de Mazza, pelo fato de haver discriminação de raça, acreditamos que também seria relevante uma discussão proposta por Guimarães (2008), colocando-se em evidência a "cor" não como uma categoria objetiva, mas uma categoria racial, pois quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação.

Assim, iniciaremos nossos questionamentos pensando: O que é o silêncio? Como ele se exprime? Percebemos que ele não é transparente, tem sua espessura e instaura processos significativos complexos. É por isso que podemos afirmar que há sentidos no silêncio, como nos reforça Orlandi (2007), pois ele tem condição de significar. Dessa forma, quando Mazza nos diz: "a gente não teria o amanhã" e se cala, há uma potência de significação que se instaura. De outro lado, percebemos em seu discurso um evidenciamento, como "a gente não quer ser negro quando menino"<sup>1</sup>. É por esses ditos e silêncios, sobretudo no que se refere ao preconceito racial, que há um campo de pesquisa ainda incipiente e propício a investigações que a Análise do Discurso e demais áreas se abrem. É por isso também que iremos trazer algumas reflexões.

---

<sup>1</sup> Da minha língua vê-se o mar. Disponível em: <https://vimeo.com/250715676>. Acesso em: 3 mar. 2020.

## 2 Pressupostos teóricos: o silêncio e os sentidos

Como abordamos anteriormente, iremos nos debruçar nas proposições de Eni Orlandi (2007) para iniciar algumas reflexões sobre o silêncio no discurso. De início, já enfatizamos que o silêncio não é aquilo que guarda o oculto, não é o implícito, mas sim aquele que guarda uma historicidade. Partindo do pressuposto de que todo dizer tem uma relação com o não dizer, as palavras transpiram silêncio e, por isso, há silêncio nas palavras. Orlandi (2007) enfatiza que essa dimensão do silêncio remete ao caráter de incompletude da linguagem. E mais, que o silêncio não é mero complemento da linguagem, pois tem a sua própria significação.

Há uma distinção feita por Orlandi (2007) dentre os silêncios, o primeiro, denominado *silêncio fundador*, é aquele que existe nas palavras, o não-dito que "dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar" (ORLANDI, 2007, p. 30). O segundo, *silêncio local*, é o que se refere à censura.

Se não podemos interpretar o silêncio, poderíamos dizer que o compreendemos, e assim tentamos explicitar o modo como ele significa. Ora, assim conseguimos nos atentar para o fato de que existem múltiplos silêncios, inclusive o da resistência, cuja definição se sustenta por toda a trajetória da editora Maria Mazarello, sobre a qual iremos nos debruçar no decorrer deste artigo.

Sobre a distinção entre silêncio e implícito, Orlandi (2007) afirma que o silêncio não tem uma relação de dependência com o dizer para significar, já que o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras, como é o caso do *evidenciamento* no discurso, outra questão a ser abordada nas análises da editora. Devemos ressaltar que o silêncio não deve ser entendido como o vazio, pois o silêncio é necessário, sobretudo quando abordamos autobiografias. Como ilustra Orlandi (2017), "no silêncio cria-se a ilusão de que não há o que dizer, só o já-dito. Ou seja, o silêncio seria o que não é preciso ser dito" (p. 87).

Como sabemos, as diferentes formas de silêncio trabalham os processos de produção de sentidos. E na tensão constitutiva do devir biográfico, há uma relação de solidão do sujeito com o que se fala e a construção dos sentidos que se faz no silêncio. Só depois de uma autorreflexão de si, num processo de valoração, é exposto e evidenciado em discurso, ou apenas silenciado. É o que tentaremos observar da entrevista autobiográfica de Mazarello.

Ressaltamos que, atrelado ao discurso de Mazza, está o discurso da resistência, considerando-o como uma forma de oposição ao poder. Essa resistência também está marcada por uma busca de que suas produções sejam respaldadas por valores literários e artísticos das obras, pela busca de um público leitor e de sua formação crítica, resistindo à vinda dos oligopólios e do preconceito existente na sociedade.

A seguir, partiremos para as discussões sobre raça, sustentadas pelo pesquisador Guimarães (2008) e que configuram uma questão pertinente ao relacioná-la com a narrativa autobiográfica de Mazarello.

## 2.1 Preconceito de quê?

De raça. E partimos de Guimarães (2008) com dois conceitos para discuti-lo. O pesquisador distingue o que seria o tipo analítico, que permite a análise de um conjunto de fenômeno; e o tipo nativo, que trabalha em um sentido no mundo prático, habitual. Assim, quando se questiona sobre raça, afirma que é suscetível a vários questionamentos. Em seu aspecto analítico, raça tem pelo menos dois sentidos: pela Biologia e pela Sociologia. Ademais desses usos analíticos, o pesquisador considera a raça como um conceito nativo, "o que chamamos modernamente de racismo não existiria sem essa ideia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades" (GUIMARÃES, 2008, p. 64).

Cientificamente, ou seja, em seu sentido analítico, as raças são uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da Sociologia ou das Ciências Sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da cultura simbólica. Podemos dizer, então, que as "raças" são efeitos de discursos. (GUIMARÃES, 2008, p. 65). Não é, portanto, uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. A diferença genética, refúgio das ideologias racistas, não pode ser usada para distinguir um povo do outro. Raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.

Utilizaremos neste artigo, quando nos referirmos ao termo raça, a perspectiva sociológica, que considera raça como "discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue" (GUIMARÃES, 2008, p.66). Sobre o conceito de cor, também seguiremos o modelo a ser pensado de dois modos: o analítico e o nativo. No entanto, a ciência

das cores nada nos ensina sobre a hierarquia social, como o porquê de o negro ser associado ao demônio e ao mal, enquanto o branco à virtude e ao bem na tradição europeia. Percebemos arraigado na sociedade o imaginário do branco, por exemplo, como superior, e o do negro inferior, à margem. Isso reforça o fato de que a classificação dos seres humanos em raças tomou a antiga nomenclatura das cores, a classificação de povos e de pessoas por cor, e a ela assimilou sua hierarquia própria e racista.

Como Maria Mazarello, que teve sua origem a partir de uma descendência escravocrata, temos milhares de brasileiros que são originários de povos localizados, originalmente, do continente africano. Essas pessoas escravizadas foram chamadas de "africanas", "negras" e tiveram duas identidades criadas, originalmente, na sociedade escravocrata brasileira, em que o negro tinha um lugar e esse lugar era o da escravidão. Então, "nessa sociedade muito racista, a raça era importante, nativamente importante, para dar sentido à vida social porque alocava as pessoas em posições sociais" (GUIMARÃES, 2008, p.70).

Com tantos anos de história, o Brasil continua com fortes resquícios escravocratas, e apesar de tanta diversidade, negamos que temos uma origem em comum e somos todos um mesmo povo. É por isso que *raça* não pode ser entendida apenas como uma categoria política necessária para resistência ao racismo no Brasil, mas entender que é uma categoria analítica indispensável, pois é ela quem revela as discriminações e desigualdades que foram pregadas no Brasil pela noção de "cor" como apenas de classe, mas que são, efetivamente, raciais.

### 3 Mulher, negra e pobre: Maria Mazarello

Por meio do documentário *Da minha língua vê-se o mar*, realizado pela pesquisadora com o intuito de dar visibilidade aos editores independentes de Língua Portuguesa e disseminar suas narrativas de vida atreladas ao campo da edição, o filme documentário encontra-se disponível *on-line*<sup>2</sup>. A partir dele, temos a entrevista para análise deste artigo: com a editora Maria Mazarello Rodrigues, brasileira, nascida em Ponte Nova, Minas Gerais, negra e de origem familiar humilde. Ao se referir à sua trajetória, relata em seu depoimento um problema social:

---

<sup>2</sup>*Da minha língua vê-se o mar*. Disponível em: <https://vimeo.com/250715676>. Acesso em: 1 jun. 2018.

o racismo. Por ser negra, mulher e pobre, enfrentou barreiras que serão detalhadas mais adiante.

Poucos a conhecem pelo nome completo; ela e a editora estão imbricadas até mesmo pelo apelido: Mazza. É assim que tanto a editora, quanto a sua casa editorial são conhecidas e indissociáveis. Mazza, depois de sair do interior, muda-se para Belo Horizonte, encontra um emprego de faxineira em uma gráfica e descobre-se maravilhada pela composição. É convidada, um tempo depois, a coordenar a impressão da gráfica. A partir daí, consegue adentrar o universo editorial, sendo que, mais tarde, faz o curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais e consegue uma bolsa de Mestrado na Universidade de Paris para estudar Editoração. Segundo a editora, foi na Europa que viu “negros de verdade” e editoras cujo objetivo era reunir autores, livros, ilustradores e personagens negros. Assim, volta ao Brasil com a utopia de fazer uma editora voltada às publicações afro-brasileiras, e justifica: “[...] eu sabia que grande eu não iria ser”; mas resolve enfrentar essas dificuldades. Ao retratar a sua casa editorial, refere-se:

**00:43:38 a 00:45:00**

Eu sabia que grande eu não iria ser, especialmente pela linha que eu resolvi trabalhar. Foi muito difícil porque, na verdade, o Brasil e até hoje, não admite que é um país racista. A dificuldade, na verdade, como pequena editora foi desde o princípio para chegar a conseguir publicar. E ilustrador? Não tinha ilustrador negro ou ilustradora que trabalhava com a questão da negritude! Esse foi um trabalho que a Mazza Edições fez, eu fiz muito. Acabou que a Mazza Edições chegou na frente, em termos de ser a primeira editora brasileira, realmente, a encarar a temática, a trabalhar na temática, isso, nacionalmente, o pessoal reconhece que foi a Mazza Edições que topou essa empreitada.

Assim, destacamos nesse trecho da Mazza o evidenciamento em seu discurso ao relatar diversas questões sociais: i) a evidência de que nunca será uma grande editora; ii) o Brasil como um país racista e hipócrita; iii) a questão da negritude pouco abordada no cenário editorial; iv) a valoração de si e da sua editora em ser a primeira a chegar na frente em disseminar a temática afro-brasileira.

No início do documentário, Mazza relata a sua infância:

00:03:49 a 00:04:19

Nós viemos, nós somos de uma família pobre, de operários, minha mãe lavadeira, viemos para Belo Horizonte. Na minha terra, lá em Ponte Nova...eu não... na verdade, uma entre outras coisas, o que levou minha mãe, que ficou viúva, com 9 filhos para criar e tal, em Ponte Nova, é que, na verdade[...] Ela sabia, sentiu, que a gente não teria amanhã.

É que eu estava com as irmãs Salesianas, meu nome é Maria Mazarello por causa de uma santa salesiana.

Maria Mazarello inicia seu depoimento invocando a sua infância humilde, sobretudo ao utilizar os termos “pobre e operário”, que evocam efeitos patêmicos<sup>3</sup> e o imaginário da “infância sofrida e trabalhadora”. O papel social exercido por sua mãe, lavadeira, já demonstra seu crescimento dentro de dificuldades socioeconômicas. Paralelamente, a forma como narra, com um tom de dramaticidade, lembrando-se das palavras de sua mãe, “ela sentiu que a gente não teria o amanhã”, também faz emergir um efeito patêmico refletido em sua fala, articulado com um valor de história, dando-nos um efeito de ficção ao remontar um passado longínquo. Ressaltamos a forte referência à figura materna em várias partes de seu depoimento, quebrando o imaginário do pai como figura patriarcal. Aqui, a mãe teve o poder de decisão nos rumos que Mazza escolheu, sendo forte a influência da economia familiar, do grupo de coabitação inicial nas decisões, no agir, nos projetos de vida. Ainda no mesmo trecho, há uma “imagem arquivo”(o retrato da família de Mazza), de cunho mais indicial, que nos dá a sensação de um efeito de realidade e confirmação da narrativa.

Ressaltamos na passagem “*Ela sabia, sentiu, que a gente não teria amanhã*”, o implícito, ou seja, o não-dito que se define em relação ao dizer. Já o silêncio, ao contrário, não é o não-dito que sustenta o dizer, mas aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído, como nos elucida Orlandi (2007). Portanto, nesse trecho destacamos o implícito como algo que não foi dito (por que ela e os irmãos não teriam o amanhã?), e assim tiramos nossas conclusões a partir do que Mazza começou a projetar em seu depoimento.

---

<sup>3</sup> O efeito patêmico consistirá em uma forma de socialização da intimidade e do catártico. As formas de dizer devem sobrepujar o ambiente particular, tornando-se público. David-Silva (2005) acrescenta que, para se atingir os efeitos patêmicos, é necessária a dramatização dos fatos. Indicamos o efeito patêmico a partir das ideias de P. Charaudeau e dos trabalhos da professora Ida Lúcia Machado, como em: *As emoções no Discurso*, 2007.

O imaginário refletido na escolha de seu nome, “meu nome é Maria Mazarello por causa da santa salesiana”, aproxima-nos do estigma religioso de sua família. Mas é também perceptível um tom irônico na fala da editora. Como iremos observar, uma das marcas mais acentuadas do preconceito sofrido em sua vida foi por meio das freiras salesianas, nome pelo qual carrega. Sobre esse fato em sua vida, ela nos evidencia:

**00:05:55 a 00:09:31**

E eu era doida pra estudar, doida, doida. Pela filosofia, pela missão de Dom Bosco, eles tinham que ter, que receber, órfãos pobres, meninos pobres, de rua, que não era nesse sentido de hoje, mas os pobres, os órfãos, e tal, e nós fazíamos parte dessa turma, estudávamos nas escolas anexas. Chamava escolas anexas.

Mas a gente, por mais inteligente que fosse, por mais tudo que fosse... nós éramos... o negócio é o seguinte, é preto, era, tinha que tá pra trás. Eu queria estudar na escola. Então, quando eu terminei o 4º ano, depois fiz o 5º de admissão no grupo escolar, tinha o 5º ano, eu já podia, então, fazer o ginásio e aí eu insisti com a minha mãe, minha mãe lavadeira, trabalhava de manhã, de tarde, de noite, e insisti com minha mãe pra ir. Uma irmã, falou, ‘olha, nós arrumamos tudo pra você, fala com sua mãe, uniforme, tudo, mas sem ordem e autorização da diretora, Emancira, não tem jeito. E pra isso, a sua mãe tem de vir cá conversar com a diretora’. Eu batalhei, batalhei, batalhei, mamãe foi, mas parece que ela já tinha uma ideia do que ia acontecer. Quando chegou lá, essa cena não sai da minha cabeça, ela... ela... eu vou morrer com essa cena na minha cabeça, lembro direitinho, do caminho da ida e do caminho da volta. Aí entramos, custamos, custamos a ser recebidas pela irmã Emancira, mamãe já tava impaciente, em pé, né, porque a gente não tinha privilégio de mandar sentar. Se fosse filha de fazendeiro, se fosse fazendeiro... É outro tratamento. Muito bem. Aí veio Emancira, com o jeitinho lá e tudo. Aí mamãe veio, pois é, eu vim cá, a irmã Lilian já deve ter conversado com a senhora e tudo, pra Mazarello, vê se a senhora autoriza... a Mazarello a fazer o ginásio e tudo, ela já passou [...] A irmã olhou pra mamãe, pra mim ela nem olhou, falou assim: ‘Dona Peninha [...], mamãe chamava Amarillis Pena, era lavadeira, todo mundo chamava ela de D. Peninha... D. Peninha, a senhora sabe que a menina da senhora ela não tem condições, não vai ter condição de ser professora, mas eu posso fazer uma coisa, que tinha uma escola também para domésticas... também dentro da ação tinha uma escola pra domésticas, que iriam ser empregadas das patroinhas que estudavam lá... mas a senhora é o seguinte... ao invés da senhora tá pedindo aqui... uma vaga... uma vaga, né... para professora, a senhora pode, já pode, apesar dela ser muito novinha, a senhora matricula ela na escola doméstica, porque a senhora sabe que o futuro dela vai ser mesmo empregada doméstica. Eu fui apanhando do colégio até lá em casa.

Nesse trecho, mais uma vez, é reafirmado o contexto social de Maria Mazarello, ressaltado por uma problemática social, trazendo à tona o preconceito. A marcação prosódica também pode ser destacada, já que há uma intensidade sonora quando Mazza evidencia esses acontecimentos preconceituosos pelos quais passou; o volume de sua voz aumenta e percebemos uma pausa ao detalhar esses fatos, ou seja, ressaltamos o silêncio quando Mazza coloca a voz do outro, da irmã Emancira em sua narrativa, já que, para ela, descrever a situação pela qual passou representa uma outra significação.

Como ressalta Authier-Revuz (2004), no fio do discurso que um locutor único produz, há certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase e do enunciado, que inscreve o outro. Nesse trecho apresentado, percebemos a heterogeneidade marcada em sua fala, quando introduz a enunciação de outrem: “*Dona Peninha [...], a senhora sabe que a menina da senhora ela não tem, não vai ter condição de ser professora, mas eu posso fazer uma coisa, tinha uma escola para domésticas [...]*”. Assim, Mazza designa o outro no seu ato de enunciação, o locutor como seu “porta voz”, utilizando-se das próprias palavras do outro. Destacamos o uso do signo “empregada doméstica” que reforça um lugar comum ao naturalizar o que é possível ou não aos sujeitos segundo sua classe.

Percebemos outras evidências exemplificadas aqui: “*a gente, por mais inteligente que fosse, é preto [...] tinha que tá pra trás*”; “*Custamos a ser recebidas pela irmã Emancira, mamãe já tava impaciente, em pé, né, porque a gente não tinha privilégio de mandar sentar. Se fosse filha de fazendeiro, se fosse fazendeiro... É outro tratamento.*” Nesse mesmo trecho, também destacamos a forte marcação prosódica na entonação “Custamos”, acentuando efeitos de realidade e de patemização, causados pelo problema social do racismo existente na sociedade. Ao mesmo tempo, o uso da expressão “se fosse fazendeiro” carrega um imaginário de “casta social”. Outra marcação prosódica que podemos destacar o evidenciamento é o efeito gerado pela repetição, quando descreve sua aptidão para os estudos e a intensidade sonora que carrega.

São comuns no discurso da editora algumas intervenções e tropeços durante a sua narrativa, como ao invocar nomes de pessoas e inserir no seu próprio discurso as vozes dos seus outros. Notamos que se trata de uma marca de heterogeneidade, pois quando diz que

estavam projetadas a serem empregadas das “patroinhas”, ressaltado pelas aspas, percebemos uma ironia, um não dito pleno de significações e de possíveis interpretativos.

**00:17:24 a 00:21:58**

Vimos para a capital. Me arrumaram como “secretária” do médico, que ela lavava roupa pra ele e dei um jeito de num instantinho de arrumar uma escola noturna. Eu estudava de noite e trabalhava de dia.

Eu fui para a Escola de Comércio, por que a opção da escola de comércio? Porque aí eu formaria em Contabilidade, e formando em Contabilidade eu teria mais condição de ganhar dinheiro para ajudar em casa. Então, na verdade, foi isso que eu fui fazer... esse negócio de editora eu nem sonhava...isso nem... não tinha a menor ideia. Eu resolvi sair de Dr. Otávio pra conseguir um empreguinho melhor, pra poder ter melhor condição de ajudar em casa e continuar a estudar... Eu era exímia datilógrafa. Então, não interessava o seu currículo, não interessava aquilo que você mandava, o cara, o entrevistador olhava e falava: depois a gente, depois a gente chama você. No fim a gente sabia que, pela quarta, quinta, sexta vez, que não ia ser chamado nunca. Aí eu resolvi fazer concurso no IMACO, Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis, no parque municipal, porque não pagava, eu estudava de noite e ia batalhar de dia. Fui parar numa classe em que só tinha eu de negra. Só eu de negra. Na verdade, a gente não quer ser negro não, menino, não quer ser negro não. Aí, nada de eu arrumar. Eu ia fazer o melhor curso, tava ali na melhor escola e eu ia ser contadora mesmo. O professor Wilson Chaves era também diretor de um programa que tinha no Brasil, o programa chamava PABAE, um dos pontos desse programa era... um dos pontos desse programa... os americanos mandavam pra cá, montar uma gráfica no Instituto de Educação. Nós vamos arrumar um emprego pra você de qualquer maneira. Professor Wilson Chaves mandou eu... mandou um cartão pra eu ir na gráfica do Instituto, como eu era datilógrafa e tudo, pra trabalhar, fazer um teste na datilografia, pra eu trabalhar na gráfica, na preparação desse material que vinha lá de cima que o professor preparava pra fazer teste. Quando eu olho pra máquina, uma IBM elétrica...Eu desandei a chorar ... Isso aqui era a minha última esperança... Nós estamos precisando de uma faxineira. Acontece que é um negócio tão interessante, tão dinâmico, tão... que eu fiquei maravilhada com aquilo... No terceiro mês de faxinagem, eu já tava entendendo... entendendo... do coisa... aí o Henrique vira pra mim e fala assim: ô Mazarello, você quer aprender a compor? Eu falei: É tudo que eu quero! Eu acabei aprendendo o processo todo. Eu tinha contato direto com o pessoal lá debaixo... diziam que era a elite...a secretária dos americanos... é tudo americano... os bam, bam, bam lá... E eu tinha um contato com esse povo diferente do povo da gráfica, por uma razão muito simples, eu tava num nível de...intelectual... de coisa... mais equiparado às secretárias... eu não iria ser secretária porque... porque... não ia ser secretária dos americanos. Mas eu tava... Eu fiz um contato e foi aí que fiquei conhecendo Ana Lúcia Campanha Batista, que era uma das secretárias dos americanos lá. Ana Lúcia Batista virou pra mim e falou assim: você tem que fazer é um curso de

Jornalismo. Eu falei, cê tá doida, menina, eu sou contadora! Eu passei no vestibular!

Percebemos que, na maior parte dessa passagem, prevalece o evidenciamento em seu discurso ao detalhar os acontecimentos de sua vida. No entanto, ressaltamos o silenciamento na expressão *"eu não iria ser secretária porque... porque"*, ganhando força devido ao gesto que Mazza faz durante a fala, passando as mãos pelos braços, referindo-se à sua raça negra em uma tentativa de transmitir a fidelidade do fato. Também constatamos esse fato por meio da marcação prosódica demonstrada pelo silenciamento. Ela não fala, sua intensidade sonora é abaixada, mas o seu corpo diz. Outra marcação permitida também pelo audiovisual está na heterogeneidade mostrada, marcada pelas aspas em *"secretária"*, uma modalização autonímica e Mazza faz os gestos de aspas com suas mãos, o que nos instiga a reflexão de ser um implícito, dando-nos a entender que, na verdade, estaria na condição de empregada doméstica.

Quando nos diz que em sua sala *"só tinha eu de negra"*, e ainda repete tal afirmação, constatamos um dito cheio de significações. Em outro forte enunciado: *"a gente não quer ser negro não, menino"*, percebemos a qualificação pejorativa *"negro"* a partir do modo descritivo e também a sua não aceitação identitária quando mais nova, sofrendo um processo de transformação de si.

Quando diz que escolheu o curso de Contabilidade para ganhar dinheiro e ajudar em casa, remete a um imaginário que está baseado em um saber de que *"a área de Exatas é melhor remunerada"*. Revela a sua estima elevada, ao afirmar, em uma qualificação positiva: *"eu era exímia datilógrafa"*. Com a descrição dos acontecimentos de sua vida, ao enumerar os diferentes papéis sociais por que passou, empregada, faxineira, secretária, afirma que *"esse negócio de editora eu nem sonhava... Isso nem... Não tinha a menor ideia"*; isso nos remete à transformação si, que diante de contextos contrastantes, conseguiu seu crescimento nos âmbitos profissional e acadêmico. Afinal, no início de sua trajetória, ela já afirmava *"eu sou doida, doida pra estudar"*, evidenciando que batalhou para conseguir tal objetivo, conjurando o imaginário a partir de um saber *"daqueles que vencem na vida com o trabalho duro"*.

Apesar de não acreditar nos desafios propostos pela amiga Ana Lúcia, "*cê tá doida, menina*", Mazza transmite uma imagem de vencedora, muito mais pelo esforço pessoal e pela experiência do que pelo conhecimento teórico. E nos revela quase em um tom de segredo, em uma voz baixa, quase silenciando o seu dizer, que passou no vestibular.

Assim, notamos que, apesar de Mazza ter evidenciado muitas passagens sobre o racismo, o fato de ser mulher, negra e pobre condicionam alguns silenciamentos que foram impostos em todos esses anos de vida. O silêncio como um lugar de elaboração de outros sentidos, do movimento de sua identidade, nos deu algumas pistas para se pensar o discurso proferido por Mazza, de evidências e silêncios, e sem perder de vista a sua origem.

#### **4 Esquecer, lembrar, narrar...**

Como salientamos, em vários momentos da narrativa de Mazza é demonstrado forte marcação prosódica, com a variação no tempo de fala e, sobretudo, o silêncio em alguns momentos em que relatava marcas de preconceito. Mas podemos ressaltar outro sentido também proposto por esse silêncio: o da resistência. É preciso ressaltar o papel de Mazza no contexto editorial brasileiro. Por meio de sua resistência, foi possível disseminar uma literatura afro-brasileira, descobrir nomes que até então estavam silenciados e com pouco espaço na posição elitista de publicação editorial brasileira.

Com essa abordagem e nesse processo de relembrar e narrar os fatos de sua vida, aproximamos de sua resistência, e entendemos que, ao dizer, Mazarello reconstrói a sua experiência de vida como superação. Ressaltamos o fato dela denunciar marcas de preconceito: seja por ser mulher, seja por ser negra, seja por ser pobre e tentar usar dessa experiência como força para seguir a sua caminhada. Nesse sentido, os acontecimentos que foram lembrados por Mazza são ativados pela memória. Essa memória, observada por Pêcheux (1999), deve ser entendida não como individual, mas o entrecruzamento da memória mítica, coletiva e a do historiador.

Há, segundo Pêcheux, uma tensão de como o acontecimento se inscreve na memória, e propõe: um acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; e o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse acontecido. Assim, destacamos que, essa memória silenciada, muitas vezes, no discurso de Mazza, foi aquela que

não pôde ser concebida como uma esfera plena, com conteúdos transparentes e cumulativos. É, na verdade, um espaço de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 1999).

Ressaltamos, assim, que a preocupação com a memória na sociedade moderna é algo crescente. Desse modo, as narrativas autobiográficas passam a ser reconhecidas como responsáveis por uma historização da cultura e por uma manutenção da memória individual e coletiva. A partir dessa memória individual de Mazza, o objetivo foi de compartilhar e fazer emergir uma narrativa que, por muitas décadas, foi silenciada.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DA MINHA língua vê-se o mar. Direção: Letícia Santana Gomes. Belo Horizonte, 2017. (102 min). Disponível em: <https://vimeo.com/250715676>. Acesso em: 5 jun. 2019.

DAVID-SILVA, G. **A informação televisiva: uma encenação da realidade (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses)**, 2005, 219f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

GUIMARÃES, S. A. Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos. *In*: SANSONE, L; PINHO, O. A. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2.ed. Salvador. Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

MACHADO, I. L.; MENDES, E.; MENEZES, W. (Org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ORLAND, E. **As formas do silêncio**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M.; DAVALLON, J.; ACHARD, P.; DURRAND, J.; ORLANDI, E. **Papel de memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

Recebido em: 07.06.2019

Aprovado em: 27.02.2020